

# Todas as aves são pássaros

Fernando Costa Straube

*“Vocês estão atrás de aves mesmo, daquelas de caça? Não interessa então os passarinhos miúdos...”* (De um informante anônimo, no interior do Paraná).

Os mais ortodoxos, geralmente ornitólogos – raramente leigos – logo se manifestam: “nem toda ave é pássaro, mas todo pássaro é ave”. Essa frase tornou-se algo repetitivo, podendo ser encontrada fácil e abundantemente em simples buscas pela internet. Sob esse lema, alguns estudiosos escrevem páginas e mais páginas para embasar sua opinião: defendem a tese que, na classe das Aves, há uma ordem chamada Passeriformes e somente os integrantes dela podem ser chamados de pássaros.

Graças a esse conceito, amparado pela necessidade de se dicotomizar entidades, apareceu o termo “não-passeriformes” ou *non passeris*, este último com um tipo de selo latino de qualidade, ainda que nenhuma destas duas grafias constitua-se de um táxon propriamente dito. Assim, as Aves (com iniciais maiúsculas para indicar o nome científico da Classe), também conhecidas como aves (em português), seriam classificadas em “pássaros” (uma única Ordem, a dos Passeriformes) e “não-pássaros” (todas as outras ordens).

De fato, a base para distinguir os Passeriformes dos demais seres emplumados é boa: constituem-se de um grupo monofilético que, segundo Raikow (1982), caracteriza-se por possuir tipos morfológicos únicos de espermatozóides, osso palatal e de musculatura escapular e pélvica. Além disso, em termos de riqueza, eles compreendem mais da metade das espécies de toda a Classe das Aves, questão debatida por Raikow (1986).

Independente do indiscutível suporte filogenético, a pergunta é prática: “Por que selecionar um único grupo dentre todos os demais, distinguindo-o conceitualmente e ampliando essa prática para o linguajar cotidiano?”. Afinal, ninguém pensou, até o momento, em aplicar o mesmo sistema classificatório para outros grupos, agora subdividindo as Aves em corujas e “não-corujas” ou beija-flores e “não-beija-flores”...

É difícil entender por que, inesperadamente, surgiu uma norma técnica, por alguns tida como linguística, distinguindo as palavras “pássaro” e “ave”. Não há dúvida, porém, que foi o meio científico que se encarregou de formar esses dois conjuntos, apenas por uma interpretação etimológica superficial. Salles (1986), defensor da distinção ave-pássaro, usou em sua retórica uma citação a Rodolpho von Ihering, do “Dicionário dos animais do Brasil”:

*“Pouca gente costuma fazer distinção com valor classificativo, no emprego dos vocábulos ave e pássaro, peculiares à nossa língua e à espanhola. O francês emprega indiferentemente oiseau, tanto ao designar o avestruz como o pardal e da mesma forma Vogel em alemão e bird em inglês aplicam-se a*

*qualquer vertebrado plumado. Mas ninguém, falando corretamente nossa língua, dirá que a ema, o gavião e o papagaio sejam pássaros”. O mestre até exemplifica: “Temos ouvido definir que pássaros são as aves pequenas. Estará certa? O bem-te-vi é um pássaro, mas a rolinha, muito menor, pode ser designada assim? Certamente que não, pois a rola é uma pomba e os representantes desta ordem não são pássaros, porém aves, como as galinhas”.*

A base para tanto é tão-somente o nome científico da Ordem (Passeriformes) que, para leitores desavisados, seria argumentação suficiente para que os integrantes dela (e apenas eles) pudessem ser chamados de pássaros.

Entretanto, essa posição não encontra nenhum tipo de sustentação técnica e tampouco linguística, sendo movida apenas por uma convenção de concordância tácita entre os estudiosos da Ornitologia, vez ou outra considerada também na linguagem cotidiana da língua portuguesa, geralmente por imposição destes.

Se considerarmos a formação (auto-explicativa) da palavra “Passeriformes”, chegamos ao agrupamento de aves que possuem “forma” (inclusive tamanho) de pássaros. Isso acontece pela necessidade tipológica, da classificação lineana, usando um exemplo, dentro do conjunto, como baliza que represente todos os demais. Daí nomes como Accipitridae, que não abrange apenas as aves do gênero *Accipiter* e Anseriformes que não apenas contém gansos (gênero *Anser* e nome latino vernáculo *anser*), mas todas as aves que se assemelham a eles, inclusive patos, marrecos e cisnes, além de anhumas e tachãs!

Indo mais a fundo, chegamos a outros níveis da escala classificatória que simplesmente vêm a endossar a fragilidade da distinção pássaro-ave. Uma delas está na subordem Passeri (antigos Oscines), uma das subdivisões da ordem dos Passeriformes e que se opõe aos Tyranni (antigos Suboscines). Seriam os representantes do primeiro grupo “mais pássaros” que os do segundo? Obviamente que isso não faz o menor sentido, visto que o termo Passeri provém do gênero *Passer*, que o representa nominalmente (como também representa a família Passeridae), assim como Tyranni vem de *Tyrannus* (que, por sua vez, representa a família Tyrannidae).

Afundando ainda mais na teoria dos conjuntos, podemos chegar finalmente à raiz do problema. A palavra pássaro vem do latim vulgar *passaru* que modificou-se para o latim culto *passer*. O termo era usado, na Antiguidade, para designar popularmente o pardal, espécie comum na Europa (Gentry, 1878) e que, muitos séculos depois (1758), ganhou o nome científico de *Passer domesticus*. Sob o mesmo raciocínio é que depende-se que *aquila* era o nome vernáculo atribuído às águias e, desta forma, não somente as espécies do gênero *Aquila* podem ser chamadas de águias! E junto a estes, tantos e tantos exemplos se juntam...

Viaro (2006) explica essa relação, adotando o conceito de generalização:

*No caso de passer, observamos que a palavra significava “pardal” e passou a significar simplesmente “pássaro”, de modo que, quando dizemos hoje que o sabiá e um passaro não se afirma que o sabiá seja um pardal. Tal procedimento se chama generalização. Há muitos exemplos disso. A generalização vem de uma aplicação inicialmente indevida que se populariza”.*

Com isso, fica fácil concluir que não somente os pardais podem ser chamados de pássaros e também que eles não são “mais pássaros” do que os outros membros da subordem Passeri; por extensão, os Passeri não são “mais pássaros” do que os demais Passeriformes e, finalmente, não há qualquer motivo para privatizar o uso do termo pássaro apenas para os integrantes desta Ordem.

Sob essa conclusão, pode-se inclusive encontrar endosso lexicográfico da envergadura de Houaiss & Villar (2001):

**pássaro** s.m. [...] 1 ave pequena; passarinho 2 ORN design. comum às aves da ordem dos Passeriformes, que possuem bico desprovido de cera e pés anisodáctilos 3 ORN *infrim.* m[esmo].q[ue]. Ave. [...].

Recuando bastante na datação dos dicionários, encontramos que aparecimentos dos verbetes ave e pássaro em dicionários portugueses vêm do Século XVIII, por intermédio do padre Raphael Bluteau, baseado em ampla literatura latina; de uma forma geral, todos os léxicos surgidos posteriormente fundamentaram-se em sua obra (Tabela 1).

**TABELA 1.** Verbetes ave e pássaro em alguns dicionários da língua portuguesa do Século XVIII.

<b>BLUTEAU (1712-1728)</b>	
AVE. Animal volátil. <i>Avis, is, Fem. Cic.</i> Esta palavra he mais ordinaria, & serve para significar todo o genero de aves, grandes, & pequenas. Raras vezes se usa da palavra <i>Volucris</i> no singular, principalmente em prosa. Algumas vezes diz Cicero no plural <i>Bestiae volucris</i> , & outras <i>Volucres</i> , sem mais outra cousa. Do mesmo modo usa de <i>Alites</i> no plural, fallando particularmente das Aves, de que os Agoueyros se servião, & Plinio quasi sempre faz <i>Alites</i> do genero feminino. Também chama Cicero às Aves em geral. <i>Animantium genus pennigerum, &amp; aerium.</i> Achãose estas palavras no fragmeto intitulado, <i>De Universo.</i> <i>Volucris</i> não presta, & não he usado para significar huma ave, nem outra cousa alguma.	<b>PASSARO.</b> Diz-se gèralmente de toda a espécie de aves. Fernão D'Olyveira, na sua Grammatica Portuguesa, cap. 31, zomba dos que disserão, que Passaro fôra chamado assim, porque passa voando. <i>Avis, is. Masc. Cic.</i>
<b>FOLQMAN (1755)</b>	
AVE. f. <i>Avis, is, f. Volucris, is, f. Ales, litis, m. e f.</i> porem <i>volucris</i> he pouco usado no singular.	<b>PASSARO.</b> masc. <i>Avis, is, f. Cic.</i>
<b>BACELLAR (1783)</b>	
AVE: Heb.; Deus vos salve. <i>Av-e; eação</i> (avis) passaro. v. veação.	<b>Pass-aro,</b> arage, <i>aróla, er-o, ia, inh-a, ar,</i> ado, <i>eiro</i> (passer) ave. [...]
<b>SILVA (1789)</b>	
[verbo “ave” não consultado, devido à inacessibilidade ao volume correspondente]	<b>PASSARA,</b> s.f. a femêa do passaro; especialmente a perdiz „ <i>val mais pássara na mão, que abute voando.</i> <b>PASSARO,</b> s.m. o macho das aves.

“Pássaro”, pelo exposto, não pode ser uma designação exclusiva dos integrantes da ordem dos Passeriformes. Essa é uma regra criada pelos pesquisadores e que, além de não encontrar nenhuma base técnica, é frágil na própria interpretação taxonômica e, por que não dizer, totalmente inútil na prática. No âmbito popular, o assunto é ainda mais problemático. Tentando impor um conceito como esse, ornitólogos distanciam-se da comunicação com o público leigo, muitas vezes poderoso e eficiente instrumento de apoio a muitas descobertas científicas.

Para o leigo, ave é toda e qualquer entidade emplumada porque isso consta nos livros didáticos, mas, na prática, refere-se cotidianamente a espécies grandes e, particularmente, a animais de interesse econômico como galinhas, patos e gansos.

Até mesmo em alguns casos, o termo “pássara” alude à fêmea do peru, levando em consideração que “perua” seria indecente, por significar “vulva” (Houaiss & Villar, 2001), em aposição a

“peru” (pênis). Adicionalmente, “passarão” é termo amplamente utilizado no interior do Brasil para os ciconídeos conhecidos por cabeça-seca (*Mycteria americana*) (Straube, 2000), assim tratados por serem pássaros grandes e, desta forma, diferentes dos pássaros pequenos, mais conhecidos como “passarinhos”.

O pensamento utilitário para a palavra “ave” foi notavelmente registrado em Curitiba (Straube & Vieira-da-Rocha, 2006), onde houve – na indicação das aves mais citadas pela população daquela cidade – uma considerável presença de “galinha” e suas variantes, compreendendo 26% de todas as citações a etnoespécies.

O termo “ave” (sob a forma *avis*) é muito antigo e, como dito, aparece já na obra de Cicero (Marcus Tullius Cicero: 106 a.C. – 43 a.C.). Segundo Neves (1936), “Ave é uma antiquíssima palavra que significa água livre, curso de água, rio. No antigo eslavo, *av* ou *ava* significa água; em bretão *aren* significa rio. A raiz céltica *ar* era própria dos rios, e modificava-se foneticamente em *av, ava, apa, sava* e, possivelmente, *lava*.”

Ao menos no Brasil, “ave” tem uma ligação historicamente associada a agrupamentos de certas espécies quanto a características especiais, tais como hábitos alimentares (“aves de rapina”), comportamento migratório (“aves de arribação”), práticas cinegéticas (“aves de caça”) e, principalmente, quanto ao uso comercial (corte, produção de ovos, penas, etc). A própria definição do termo avicultura restringe-se quase que totalmente a espécies de interesse na alimentação humana, e grandes; não inclui, a rigor, a prática de criação de espécies pequenas de interesse canoro ou ornamental, tratadas pela ornitofilia.

A dicotomia aqui criada e defendida por ornitólogos acabou por gerar uma interpretação incorreta pelo leigo: aves são animais grandes e pássaros, os pequenos, pulverizando totalmente a relação proposta de hiperônimo (ave) e hipônimo (pássaro).

Veja-se, por exemplo, a resenha de Maria Estela Guedes (2009) ao livro “A noite é dos pássaros” de Nicodemos Sena, editado em 2003 e que mostra a grande confusão (o grifo é meu) que inevitavelmente se estabeleceu:

*“Não, nem todas as aves o são. Dizer que perus, garças ou avestruzes são pássaros, seria erro tão crasso como chamar insectos às aranhas. Não é porém a sistemática o objecto da minha atenção. Hoje, como quase sempre, vou falar das gralhas, e note-se que nem todas elas são aves, apesar de todos os *Corvidae* serem pássaros. Já vamos sair deste impasse, pois ocorreu-me a necessidade de uma autocritica: dizer que as gralhas são *Corvidae* é uma frase vazia de naturalidade. O verbo “ser” não cria nela nenhuma identidade fundamental. A família *Corvidae* não é facto virtual nem natural, e nem sequer um rótulo definitivo aplicado a um grupo de animais. Em qualquer altura a sistemática muda tudo e as gralhas podem vir a ser consideradas *Grallae*, e mais: é tão vertiginosa a mudança neste ramo da ciência, que não espantaria ver um dia classificados corvos e gralhas como Aves...”*

Além de pequenos, “pássaros” costumam ser as aves voadoras que podem ser encontradas nos ambientes naturais, em liberdade. Refere-se não somente às espécies que pertencem à ordem dos Passeriformes dos ornitólogos mas também a outros grupos incluindo, por exemplo, rolinhas e juritis (Columbiformes), beija-flores e andorinhões (Apodiformes), surucuás (Trogoniformes), pica-paus (Piciformes) e muitos outros, inclusive espécies de maior porte. Isso porque, na nomenclatura popular, não há interesse em estabelecer limites precisos entre aves grandes e pequenas, visto que isso é feito dependendo da situação coloquial.

Até mesmo Carl von Linné (Linnaei, 1758:85), considerado o autor da ordem Passeriformes, em sua obra basilar *Systema Naturae* incluiu entre o grupo dos “Passeres” os gêneros *Columba* e *Caprimulgus*, alusivos respectivamente, às pombas e bacuraus, o que seria considerado uma heresia do ponto de vista técnico, apenas justificável pela antiguidade da obra. Incluir alguns grupos não-passeriformes entre os pássaros (leia-se “Passeres” ou equivalentes) foi algo preservado até meados do Século XIX, quando a Ordem passou a ser mais consensualmente admitida (Tabela 2), provavelmente após a distinção criada por Gloger entre os pássaros típicos (Passerinae) e os atípicos (Passerinae anomalae) (Walters, 2003).

**TABELA 2.** Sistemas de classificação que incluíram entre os pássaros (sob a forma Passeres ou equivalentes) outras espécies não consideradas atualmente entre os Passeriformes (Fonte: Walters, 2003).

SISTEMA	NOME DO GRUPO	NÃO-PASSERIFORMES INCLUIDOS*
Linnaei (1758)	Order 6. Passeres	Columbidae, Caprimulgidae
Linnaei (1766)	Order 6. Passeres	Columbidae, Caprimulgidae
Latham	Order 3. Passerine	Apodidae, Caprimulgidae
Pallas	Ordo 2. Oscines	Picidae, Apodidae, Caprimulgidae, Columbidae
Gloger	3. Aves passerinae anomalae	Apodidae, Caprimulgidae, Coraciidae, Meropidae, Alcedinidae, Cuculidae, Picidae, Upupidae.
Bonaparte	3. Passeres	Caprimulgidae, Alcedinidae, Picidae
Tschudi	Order Passeres	Caprimulgidae, Trochilidae, Momotidae, Alcedinidae
Cuvier	2. Passeres	Caprimulgidae, Nyctibiidae, Upupidae, Trochilidae, Meropidae, Alcedinidae, Todidae, Bucerotidae
Kaup	Order Passeres	Coraciidae, Meropidae, Bucerotidae, Alcedinidae, Trochilidae, Upupidae
Reichenow	Passeres	Caprimulgidae, trochilidae, Bucerotidae, Alcedinidae, Meropidae, Upupidae, Coraciidae, Momotidae, Todidae

\*. Segundo a classificação moderna

Na literatura, tratar todas as aves como pássaros é também uma prática largamente utilizada e conhecida de todos os brasileiros, não cabendo revisão mais profunda, além da citação a um exemplo elucidativo, colhido na obra “Grande Sertão: Veredas”:

*O comum: essas garças, enfileirantes, de toda brancura; o jaburu; o pato-verde, o pato-preto, topetudo; marrequinhas dansantes; martimpescador; mergulhão; e até uns urubús, com aquele triste preto que mancha. Mas, melhor de todos – conforme o Reinado disse – o que é o Passarim mais bonito e engraçadinho de rio-abaxo e rio-acima: o que se chama o manuelzinho-da-crôa (João Guimarães Rosa, 1956)*

Segundo Hassmann (2005), “na obra de Guimarães Rosa, pássaros (aves) aparecem freqüentemente” e ainda outro exemplo é dado na passagem do romance “Noites do sertão” (parte da obra “Corpo de Baile”, de 1956):

*“- De minha terra?  
- Lá tinha pássaros cantando de noite?  
- Sério. O mutum. De dia, ele fica atoleimado, escondido em oco de pau, é fácil de se pegar à mão, mas à noite, sai para caçar comida. Canta, antes da meia-noite e do romper da aurora. Chega dá as horas. É grande e formoso como as penas dele briham, feito um pavão.  
- E como canta?  
- No meio do mato, de madrugada, ele geme: - Hu-hum... Uhu-hum... Não se parece com nenhum.  
- Aqui não tem.  
- É um pássaro tristonho...”*

Com essa argumentação, considero o uso exclusivo do termo pássaro para os Passeriformes uma regra desnecessária e sem ne-

nhuma base linguística, histórica e muito menos técnica. Essa regra por certo será seguida ainda por muito tempo pelos seus defensores mais ferrenhos e, por causa disso, ainda julgo aberto este debate.

No futuro, espero que mesmo ornitólogos mais experientes usem (também) a expressão “observação de pássaros” e o verbo “passarinar” para as atividades que, no inglês, são tratadas simplesmente como “birdwatching” ou “birding”. Essa prática certamente trará resultados muito positivos, inclusive a mais do que justificável comunicação entre as pessoas, sejam elas leigas ou cientistas.

Se a língua pertence, antes de tudo, às pessoas que a praticam, uma rápida busca por meio de ferramentas de busca da internet (no caso, Google: 3 de abril de 2009) acaba por confirmar o que aqui defendemos: “observação de aves” e “observação de pássaros” nos deram, respectivamente, 54.200 e 46.600 resultados. Fora dos círculos científicos, ave e pássaro prosseguem sendo sinônimos; só os ornitólogos ainda não perceberam.

#### Agradecimentos:

Pelas sugestões ao texto e envio de literatura, agradeço a Fábio Sarubbi Raposo do Amaral, Guilherme Renzo Rocha Brito, Claydson P. de Assis, José Fernando Pacheco e Vítor de Queiroz Piacentini. Pela opinião compartilhada, sou também grato a Guto Carvalho, um dos que muito me inspiraram em escrever este texto.

#### Referências bibliográficas

- Bacellar, B. de L. e M. (1783). **Dicionário da língua portuguesa** [...]. Lisboa: Officina de Jozé de Aquino Bulhoens. 565 pp.
- Bluteau, R. (1712-1728). **Vocabulário português & latino** [...]. Coimbra: Pascoal da Sylva Lisboa. 10 vols.
- Feduccia, A. (1975). **Morphology of the bone stapes (columella) in the Passeriformes and related groups: evolutionary implications**. Kansas: University of Kansas Museum of Natural History. Miscellaneous Publications n° 63, 34 p.
- Folqman, C. (1755). **Dicionário português, e latino** [...]. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa. 392 p.
- Gentry, T.G. (1878). **The house sparrow at home and abroad with some concluding remarks upon its usefulness, and copious references to the literature of the subject**. Filadélfia: Claxton, Remsen, and Haffelfinger. 128 p.
- Guedes, M.A. (2009). **Nem todas as aves são pássaros**. [Resenha do livro “A noite é dos pássaros” de Nicodemos Sena]. Disponível online em [http://www.triplov.com/editorial/nico\\_aves.htm](http://www.triplov.com/editorial/nico_aves.htm); acessada em 4 de abril de 2009.
- Hassmann, R.B. dos S. (2005). A dialética do espaço em “Campo Geral”. **Revista de Ciências Humanas de Taubaté** 11(1):33-45.
- Houaiss, A. e Villar, M. de S. (2001). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva.
- Linnaei, C. 1758. **Systema naturae** [...]. Volume 1, 10ª edição. Holmiae: Laurentii Salvii.
- Neves, F.F. (1936). Origem e etimologia de Aveiro. **Arquivo do Distrito de Aveiro** 2.
- Raikow, R.J. (1982). Monophyly of the Passeriformes: test of a phylogenetic hypothesis. **Auk** 99:431-455.
- Raikow, R.J. (1986). Why are there so many kinds of passerine birds? **Systematic Zoology** 35:255-259.
- Salles, O. (1986). Nem todas as aves são pássaros... **Atualidades Ornitológicas** 8:4.
- Silva, A. de M. (1789). **Dicionário da língua portuguesa composto pelo Padre Raphael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva**. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira. 2 vols.
- Straube, F.C. (2000). Questões linguísticas em Ornitologia, IV: A carta de Ferreira Penna e os nomes populares dos Ciconiidae brasileiros. **Atualidades Ornitológicas** 98:10-11.
- Straube, F.C. & Vieira-da-Rocha, M.C. (2006). O conhecimento da avifauna pela população de Curitiba (Paraná, Brasil) com subsídios para propostas locais de educação ambiental. **Atualidades Ornitológicas** 133:18-21.
- Viaro, M.E. (2006). **História das palavras: etimologia**. Museu da Língua Portuguesa, Estação da Luz. Disponível online em <http://www.estacaodaluz.org.br>. Acessada em 3 de abril de 2009.
- Walters, M. (2003). **A concise history of Ornithology**. New Haven e Londres: Yale University Press.

**Hori Consultoria Ambiental (<http://www.hori.bio.br>)**  
E-mail: [urutau@mulleriana.org.br](mailto:urutau@mulleriana.org.br)